

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
MESTRADO EM PSICOLOGIA**

Thaís Ferreira de Araujo

**CONSTRUÇÃO DE SUBJETIVIDADES A PARTIR DA  
EXPERIÊNCIA DE MIGRAÇÃO DE MULHERES MILITARES  
NO BRASIL**

Santa Maria, RS  
2017

**Thaís Ferreira de Araujo**

**CONSTRUÇÃO DE SUBJETIVIDADES A PARTIR DA EXPERIÊNCIA  
DE MIGRAÇÃO DE MULHERES MILITARES NO BRASIL**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Área de Concentração em Psicologia da Saúde, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Psicologia.**

Orientador(a): Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adriane Rubio Roso

Santa Maria, RS, Brasil  
2017

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Ferreira de Araujo, Thaís  
CONSTRUÇÃO DE SUBJETIVIDADES A PARTIR DA  
EXPERIÊNCIA DE MIGRAÇÃO DE MULHERES MILITARES  
NO BRASIL / Thaís Ferreira de Araujo.- 2017.  
71 p.; 30 cm

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adriane Rubio Roso  
Dissertação (mestrado) - Universidade  
Federal de Santa Maria, Centro de Ciências  
Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação  
em Psicologia, RS, 2017

1. subjetividades 2. mulheres 3. mulheres  
militares 4. representações sociais 5.  
migração I. Rubio Roso, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adriane II.  
Título.

**Thaís Ferreira de Araujo**

**CONSTRUÇÃO DE SUBJETIVIDADES A PARTIR DA EXPERIÊNCIA  
DE MIGRAÇÃO DE MULHERES MILITARES NO BRASIL**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Área de Concentração em Psicologia da Saúde, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Psicologia**.

**Aprovada em 24 de Janeiro de 2017:**

---

**Adriane Rubio Roso, Dr<sup>a</sup> (UFSM)**  
Presidente/Orientadora

---

**Eliane Gonçalves, Dr<sup>a</sup> (UFG)**

---

**Debora Krischke Leitão, Dr<sup>a</sup> (UFSM)**

---

**Marcele Pereira da Rosa Zucolotto, Dr<sup>a</sup> (UNIFRA) (Suplente)**

Santa Maria, 2017

## AGRADECIMENTOS

Foi uma longa caminhada até aqui. O que antes parecia impossível, aconteceu: finalmente, terminei a dissertação de mestrado! Ao longo desses anos como mestranda, os aprendizados foram incontáveis. Começos, recomeços, idas, vindas, e muitas emoções marcaram esta que foi uma de minhas mais intensas jornadas. O título é consequência do esforço. As amizades e os vínculos são a prova de que realmente valeu a pena.

Agradeço em primeiro lugar à minha querida orientadora Adriane Roso, essa pessoa especial com a qual tive o privilégio de trabalhar. Eu não sabia até então que amor e escrita se entrelaçavam. Eu não sabia que era possível orientar com sensibilidade. Eu não sabia que o afeto era revolucionário. Eu não sabia de muitas coisas, e você me ensinou muito, e tenho certeza que a partir desse encontro contigo me tornei uma pessoa melhor. Obrigada pelo exemplo, pelo apoio dado nos momentos que eu mais precisei, pela compreensão com os meus “chiliques ansiosos”, pelos compartilhamentos de experiências, e principalmente, pela sua humanidade, que faz toda a diferença, e faz com que eu te admire tanto.

Agradeço também às professoras Eliane Gonçalves e Débora Leitão pela valiosa contribuição na qualificação e pela disponibilidade de estar agora comigo também na defesa desta dissertação. Tudo o que disseram foi realmente muito importante. Vocês não têm ideia quanto. Agradeço à professora Marcele Zucolotto, também grande amiga, por ter aceito o convite de participar desta banca, e da minha vida aqui nesta cidade, desde que cheguei. Sou grata por saber que posso contar contigo, pelo carinho, pela alegria, pelos encontros sempre tão profundos. Um agradecimento também às minhas entrevistadas, que deram um colorido todo especial neste trabalho. Obrigada pela disponibilidade em contar suas histórias, obrigada por darem um sentido muito mais profundo ao que eu estava fazendo.

Ao grupo de pesquisa SMIC “Saúde, Minorias Sociais e Comunicação”, sem dúvida, um dos “acontecimentos” mais lindos da minha vida, agradeço imensamente pelas palavras de apoio quando pensava que eu fosse surtar, pelas contribuições maduras, pelo afeto compartilhado a cada encontro, enfim, por caminharmos juntos. Luana, Michele, Carol e Jusi, obrigada pela acolhida no grupo e por terem me feito tão bem. Saudades do nosso “nós”. Luiza, Tati, César, Dai, Alex, Duda, Joy, Letícia e

Thiago, obrigada por me acompanharem até aqui. Vocês são maravilhosos. Vocês são para sempre.

Às minhas IC's Nathália, Diennifer, Bianca, Júlia e Janine, minhas “filhas”, as forasteiras! agradeço demais a companhia nessa jornada. Pensei que vocês fossem aprender alguma coisa comigo, mas “caí do cavalo”. Aprendi demais com vocês. Morro de orgulho do que construímos nesses anos, e a lindeza que foi o “Mulheres, Feminismo e Autonomia”. Vocês ajudaram a construir esse trabalho e essa vida.

Minhas queridas “divas”, Luíza, Luana e Mirela: vocês não têm ideia do quanto são especiais na minha vida e do quanto devo a vocês essa dissertação. À Mirela, agradeço pela escuta, pelo carinho, pela presença amiga nos momentos fáceis e difíceis. À Luana, pelo apoio sensato na minha caminhada, por tanto ter me ouvido nos desabafos, pela presença singular.

Luiza: você foi (é) mais que uma amiga. Minha parceira de produção, minha confidente, minha gêmea de sensibilidade, minha companheira de discussões amorosas e casos viscerais. À você, que foi uma das pessoas mais importantes nessa minha travessia do mestrado, meu muito obrigado pelo apoio incondicional e constante, e o desejo que sigamos produzindo juntas muito mais coisas lindas.

À minha querida amiga Gabi, obrigada pela escuta e pela força constante. De longe ou de perto, você nunca me deixou desistir.

À Reinaldo, agradeço por ter sido muitas vezes a minha válvula de escape das tensões dos estudos, e por ter me possibilitado aprender na prática o exercício da dialogicidade. Agradeço pelo brilho que coloca nos meus olhos e na minha vida.

A meus pais, Luiz Carlos e Aurea, agradeço pelo apoio da maneira como puderam oferecer, mesmo de longe, pela vida e pelo exemplo de integridade e determinação.

Ao caminho que construí até aqui.

## RESUMO

### CONSTRUÇÃO DE SUBJETIVIDADES A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DE MIGRAÇÃO DE MULHERES MILITARES NO BRASIL

Autora: Thaís Ferreira de Araujo  
Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Adriane Roso

Esta dissertação teve como objetivo compreender de que forma subjetividades são construídas a partir da experiência de migração de mulheres militares. Para tanto, elaboramos 2 artigos: “Construção de subjetividade em mulheres militares que migram sós” e “Encontros e despedidas: produção de subjetividade nas experiências de migração de mulheres militares da Aeronáutica”. No primeiro artigo realizamos uma análise teórica do processo de construção de subjetividade que se dá nos processos de migração de mulheres militares. Sob o referencial da Teoria das Representações Sociais, discutimos sobre as formas pelas quais subjetividades são construídas no espaço do quartel. Em nossa análise, percebemos que o compartilhamento oriundo do processo de migração traz implicações tanto na vida das mulheres, quanto nas instituições. No segundo artigo analisamos os relatos sobre as experiências de migração de 6 mulheres militares da Aeronáutica. Neste trabalho, além da noção de subjetividade pelo viés da Teoria das Representações Sociais, utilizamos as teorias de gênero para sustentar nossas análises. Como achados gerais, percebemos que a migração de mulheres no contexto militar propicia a dinamicidade das representações sociais tanto da instituição militar em relação às mulheres, quanto também das mulheres em relação à instituição militar. Além disso, percebemos que as experiências por que passam na condição de sós, militares e migrantes as constroem como mulheres mais autônomas; entretanto, a condição de estar sozinha em um lugar desconhecido aciona atitudes que remetem à manutenção de uma cultura de gênero limitante, que não percebe as mulheres como também portadoras do direito de ir e vir.

**Palavras-chave:** Subjetividades, migração, mulheres, mulheres militares, representações sociais.

## **ABSTRACT**

### **THE CONSTRUCTION OF SUBJECTIVITY ACCORDING TO THE EXPERIENCE OF MIGRATION BY MILITARY WOMEN IN BRAZIL**

Author: Thaís Ferreira de Araujo

Advisor: Prof. Dr. Adriane Roso

This thesis aimed to investigate how subjectivities are built considering the experience of migration of military women. For that, two papers were written: "Construction of subjectivity in military women who migrate alone" and "Comings and goings: production of subjectivities in the migration of military women in the Air Forces". In the first one, a theoretical analysis of the construction of subjectivity in the migration processes of military women was carried out. Also, the ways in which subjectivities are constructed in the headquarters were discussed under the light of the Theory of Social Representations. In this analysis, it was concluded that the sharing that resulted from the migration process has implications both in women's lives and in the institutions. In the second paper, the experience reports of six military women of the Air Forces were analyzed. In this paper, in addition to the concept of subjectivity proposed by the Theory of Social Representations, gender theories were also used to support the analysis. The general findings were that the migration of women in the military context fosters the dynamic characteristics of the social representations both from the military institution towards women, and from women towards the military institution. Moreover, the experiences these women go through as military migrants who are alone make them more autonomous; however, the condition of being alone in an unfamiliar place triggers attitudes of maintenance of a limiting gender culture, which does not consider women's right to come and go.

**Keywords:** Subjectivities, Migration, Women, Military Women, Social Representations.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	10
MANUSCRITO1: CONSTRUÇÃO DE SUBJETIVIDADE EM MULHERES MILITARES QUE MIGRAM SÓS .....	16
MANUSCRITO 2: ENCONTROS E DESPEDIDAS: PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE NA MIGRAÇÃO DE MULHERES MILITARES DA AERONÁUTICA .....	22
DISCUSSÃO .....	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS .....	32
APÊNDICE A – AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL .....	33
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....	34

## INTRODUÇÃO

Em uma tarde fria de inverno, tomando um chimarrão na varanda da minha casa na cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul, me dou conta de que sou uma migrante. E o sou há muito tempo. Nasci na cidade de Niterói, no Rio de Janeiro. Desde então, foram muitos deslocamentos, muitas idas e vindas, no Brasil e no mundo, que marcaram definitivamente a minha vida. Aos 10 anos, em 1994, por conta do trabalho de meu pai, militar, mudei-me com a minha família para Porto Velho, capital do Estado de Rondônia. Lembro-me até hoje, minha primeira mudança foi difícil. Já bem nova experimentava situações de desconforto que vinham, muitas vezes, do olhar carregado de estereótipos ruins do “carioca”, das pessoas que eu convivía. E nem propriamente carioca eu era.

Em Porto Velho, permaneci durante 1 ano, aproximadamente. Reinscrir-se novamente em Niterói foi tão difícil quanto ter partido. Minha turma da escola já não era a mesma, amigos queridos tinham se mudado, assim como várias outras coisas também tinham se modificado no tempo em que fiquei fora. Aos poucos as coisas foram se acertando, mas o “baque” foi grande.

Mais ou menos 15 anos depois de minha primeira mudança, mudei-me mais uma vez. Dessa vez, já estava com 25 anos, psicóloga formada. Tinha começado a namorar um alemão e tomei a decisão de ir para a Alemanha para viver com ele. Nunca havia antes saído do país, e a minha primeira viagem internacional foi sozinha e para um lugar que, além de ter a distância de um oceano do Brasil, do idioma eu nunca havia escutado uma só palavra na minha vida. Cheguei em outubro de 2008, outono, quase inverno. Descobri que a Alemanha tem um inverno rigoroso, leis e pessoas também.

Minha trajetória na Alemanha durou cerca de 1 ano e meio. Por ter terminado minha relação, voltei para o Brasil. Depois desse período, eu já falava alemão de forma fluente, já tinha feito amigos na Alemanha e já estava bem habituada com os costumes alemães, o frio, as pessoas, as leis, o trânsito, etc. E assim, mais uma vez fiquei totalmente perdida no meu retorno. Tive dificuldades para lidar com o dinheiro, confundia as palavras em português, vi que alguns laços do Brasil não sobreviveram à distância, e outros sim. Coisas que eu nunca me importei, como separar o lixo, por exemplo, viraram para mim uma questão encarada com muita seriedade. Fiquei revoltada em ver que os carros não paravam para os pedestres passarem. Isso só para citar alguns de meus estranhamentos, que não foram poucos.

De volta então, precisava retomar a minha vida, me restabelecer, encontrar um emprego. Já me acostumara com um estilo de vida mais autônomo e, não queria mais morar com minha família. Sem um companheiro e sem vínculos que impedissem de me mudar, prestei provas para concursos que tinham vagas em vários lugares do país. Depois de muito estudar, em Janeiro de 2012 finalmente tive minha primeira aprovação em um concurso público. Passei para o quadro Complementar de Oficiais da Força Aérea Brasileira, onde exerceria o cargo de psicóloga. Tal fato significaria novas mudanças: tornar-me-ia militar, trabalhando em um quartel da Aeronáutica.

Desde muito cedo, por ter militares na família, o quartel fez parte da minha vida. Ainda criança, já podia perceber que aquele era um lugar voltado para a guerra, de normas rígidas, de pessoas que andavam e se vestiam de forma padronizada e cultuavam um Brasil que parecia ter saído de um sonho: todos eram muito orgulhosos do Brasil no quartel.

Ao tornar-me militar, na escola de formação em Belo Horizonte, os símbolos que ora representavam o quartel para mim tiveram outros sentidos, outros significados. Aprendi a manusear armas, aprendi hinos patrióticos e passei a usar uma farda. Entretanto, aos poucos, fui percebendo que tornar-me psicóloga neste contexto é uma experiência de constante questionamento sobre a minha ética profissional: como trabalhar com a questão da singularidade em uma instituição que preza pela padronização? Como posicionar-se de forma crítica diante de uma hierarquia rígida? Como promover saúde mental em uma instituição voltada para a guerra? Estes foram alguns dos muitos questionamentos que me acompanharam e que atualmente ainda acompanham o meu fazer-psicológico.

Permaneci em Belo Horizonte por 3 meses, realizando o curso de preparação de oficiais, e convivendo com 160 pessoas de lugares distintos do país. Após este período, me mudei para a cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, a qual fui designada para trabalhar. Hoje, 4 anos depois de minha chegada, sinto-me um pouco mais adaptada na cidade, mas o começo não foi fácil. Tive dificuldades para encontrar e montar um apartamento, pois sozinha, não tinha outra pessoa para ajudar nesse processo. Estranhei muitas coisas, mas também as pessoas estranharam minha forma “acariocada” de falar, meus costumes, o meu jeito de ser. Senti-me muitas vezes só, pois estava muito tempo sem ver meus familiares e amigos. Passei por situações que acredito ter passado somente pelo fato de ter me tonado mulher. Mas ainda assim, sinto que minha “bagagem

migratória” ajudou bastante neste processo. Esta é a minha história de migração, que constitui também a minha vida.

Na Base Aérea de Santa Maria, instituição na qual trabalho atualmente, tenho convivido com outras mulheres que, como eu, migraram sozinhas, ou seja, sem familiares ou parceiro afetivo, de seu estado de origem para fixar residência em outro lugar por exigência de suas funções. Zanella (2014) diz que, ao nos tornarmos pesquisadores, nos tornamos “estrangeiros” de certa forma, na medida em que podemos olhar de forma privilegiada o que acontece. Pois bem. Tornando-me militar, migrante, psicóloga e pesquisadora, tenho percebido que a chegada de uma mulher sozinha no ambiente militar provoca uma série de efeitos, tanto em suas próprias vidas, quanto na instituição militar.

Ainda que as discussões sobre equidade de gênero oriundas do movimento feminista tenham aberto outras possibilidades de vida para mulheres que não somente o casamento, alguns paradigmas patriarcais ainda permanecem fortes na sociedade, ainda que inviabilizados. Tal realidade pode ser verificada quando mulheres “sós” ambiente público ainda são vistas com certa estranheza, como se apenas lhe coubesse, “por natureza” ocupar a esfera particular: o lar, a casa. (GONÇALVES, 2009).

Quanto mais a instituição é conservadora, menos autorizada é a mulher a ocupar o espaço público. Nesta dissertação escrevemos sobre mulheres que ocupam o espaço da instituição militar, constituída a partir de valores tidos tradicionalmente como “naturais do sexo masculino”: a bravura, a agressividade, a altivez, a compatibilidade com a guerra. Considerando, como afirma Takahashi (2002) que tais valores tidos na instituição militar como naturais dos homens também naturalizam as mulheres como seres frágeis, delicados, que precisam ser preservados e cuidados, iremos neste trabalho a todo tempo perguntar: como tornar-se sujeito em uma instituição militar, tornando-se mulher? De que forma a experiência de migrar sozinha nesta instituição perpassa suas vidas e a vida de outras pessoas?

Por causa de representações que fazemos dos lugares, das profissões, das instituições, nos deslocamos. Deslocar-se, na definição do Dicionário da Língua Portuguesa Aurélio significa “mudar de um lugar para o outro” (FERREIRA, 2010). Este enunciado denota um sentido bastante amplo ao termo, pois não faz acepção de lugares, nem de tempo de permanência. Já a palavra “migração” tem sentido mais específico pois denota a saída de um lugar para um outro para neste lugar estabelecer moradia (LISBOA, 2007).

Conforme escreve Assis (2007), o ato de migrar possui especificidades relacionadas ao gênero, havendo portanto diferenças na representação entre homens e mulheres migrantes no contexto internacional, de forma que:

“Enquanto os homens são representados como aqueles que vinham em busca de trabalho, as mulheres não foram inicialmente representadas como trabalhadores imigrantes, e sim como aquelas que acompanhavam maridos e filhos. Dessa forma, nunca eram percebidas como sujeitos no processo migratório (ASSIS, 2007 p. 748)”.

A partir da década de 1950, com o aumento dos deslocamentos populacionais em todo o globo, esta representação das mulheres migrantes veio a modificar-se, passando a tornar-se também protagonista deste processo. Desejando obter melhores condições de emprego, moradia, as mulheres passaram a migrar sozinhas, e não só acompanhando seus maridos. A participação de mulheres nas migrações de forma geral não só tem aumentado, como também os motivos pelos quais elas migram tem se diversificado (ASSIS, 2007). Embora alguns estudos ainda relacionem a migração de mulheres como consequência de alguma situação de vulnerabilidade social (ASSIS, 2007; DUTRA 2013; LISBOA, 2007), esta não tem sido uma regra no que se refere à motivação de mulheres a migrarem sozinhas. Mulheres migram por motivos diversos – problemas conjugais, impossibilidade de divórcio, casamentos desfeitos - e não apenas econômicos (ASSIS, 2007). Também não apenas familiares.

A luta das mulheres por emancipação e autonomia contribuiu para o aparecimento de novos estilos de vida não mais centrados nas instituições do casamento e da maternidade (GONÇALVES, 2011). O estilo de vida independente e autônomo possibilita, muitas vezes, a migração de mulheres para lugares diferentes de onde estão suas principais referências, em busca de maior qualificação e empregos melhores. O contrário também pode ser verdadeiro: a oportunidade de trabalho em outro território com remuneração estável pode incentivar a construção de um estilo de vida independente. É o caso por exemplo, de muitas das mulheres militares.

Muitas delas vem sozinhas e estabelecem-se na cidade sem apoio de família ou parceiro afetivo. Grande parte das vezes, o processo de migração dessas mulheres inicia-se no ingresso à Escola Militar. Para aprenderem os ofícios da nova profissão passam, obrigatoriamente por uma formação militar. Dentre as inúmeras habilidades que

aprendem nas escolas, uma das mais importantes é conseguir adaptar-se a novas realidades: de um dia para o outro, passam a conviver e interagir diariamente com pessoas antes desconhecidas, de diversos lugares do país, com suas diversas formas de pensar, de agir e de ver o mundo; além disso, passam a ver o mundo, literalmente, com outra roupa (ou outra farda), pois passam a ser militares. Inicia-se então uma intensa troca de saberes e experiências que acompanharão a vida dessas mulheres na sua trajetória como militares. Por meio da interação desses saberes constroem-se novos conhecimentos, novas realidades.

Podemos dizer que a interação é uma palavra-chave para compreendermos como construímos nossos conceitos, nossas opiniões e até mesmo nossos afetos em relação ao que nos cerca. Olhamos para o mundo de forma singular, e construímos nossas representações sobre as coisas. Entretanto, como afirma Jodelet (2009, p. 697), “não há pensamento desencarnado, flutuando no ar”. Tudo o que representamos, e da forma que o fazemos tem a ver com a história que construímos ao interagirmos com os outros, com as instituições, com os objetos, etc. Da mesma forma que somos afetados, afetamos o mundo, transformando-o, e construindo outras representações. Por isso, e socialmente que representamos, nunca isoladamente.

Foi pensando desta forma que Moscovici elaborou, em 1961 a Teoria das Representações Sociais (TRS), trazendo inovações importantes no campo científico da época. Enfatizando a importância das trocas sociais informais do cotidiano na construção dos saberes, desafiou a ciência dita “reificada”, que não admitia que o saber pudesse ser compartilhado. Na obra seminal “Psicanálise, sua imagem e seu público”, em que apresenta a TRS, Moscovici (2012) faz uma crítica ao elitismo dos psicanalistas da época: “Eles vêem uma intromissão intolerável em suas atividades, uma profanação de seu conhecimento – querem-no sagrado? (p. 15).

A TRS inaugura então um campo de estudo em que os saberes são formados pela triangulação “sujeito-outro-objeto”, não havendo portanto, separação funcional entre os três. A noção de sujeito para a TRS, desta forma, está associada a este intenso processo de interação com os outros e com as coisas. Não há, portanto, como considerar os indivíduos de forma isolada; os sujeitos são sociais, na medida em que se apropriam das representações ao mesmo tempo em que intervêm em suas construções (JODELET, 2009). Desta forma, estudar representações sociais significa também estudar sobre construção de subjetividade.

Considerando então, pelo viés da TRS, este sujeito que é construído e reconstruído a todo momento pelas representações sociais, acreditamos que os processos de deslocamento para outros lugares seja um campo especial para estudarmos as formas pelas quais se produzem formas de ser e de agir sobre o mundo. Diante da infinidade de interações por que passa uma mulher migrante, e diante da experiência de tornar-se mulher dentro de um contexto militar, o presente projeto objetiva compreender como a experiência de migrar sozinha contribui para a construção de sua subjetividade.

Levando em conta essa reflexão, construímos para essa dissertação, dois artigos. O primeiro, intitulamos “Construção de subjetividade em mulheres militares que migram sós”. Neste estudo teórico, nos propomos a compreender de que forma subjetividades se constroem a partir do processo de migração de mulheres militares no Brasil. O segundo artigo denominamos “Encontros e despedidas: produção de subjetividade na migração de mulheres militares da Aeronáutica”, e objetivou conhecer os significados das experiências de migração de mulheres no contexto militar por meio da narrativa de 6 mulheres militares da Aeronáutica.

Ao aproximar as duas perspectivas – as Teorias de Gênero e a Teoria das Representações Sociais - buscamos com esta dissertação contribuir nos estudos sobre o processo de construção de subjetividade, principalmente tendo as migrações como foco deste processo. Além disso, tendo em vista a preocupação da Psicologia de questionar as formas de dominação e opressão da sociedade, nos propomos aqui continuar as discussões sobre construções de gênero que impliquem em relações desiguais de poder, principalmente no que se refere às mulheres.

Na sequencia, apresentamos os manuscritos, finalizando a dissertação com uma discussão geral. Todos os procedimentos éticos foram adotados na execução da pesquisa. Na documentação em anexo (Apêndice A e B), constam a autorização institucional concedida às pesquisadoras e o modelo do Termo de Consentimento Livre e esclarecido.

**MANUSCRITO 1: CONSTRUÇÃO DE SUBJETIVIDADE EM MULHERES MILITARES QUE MIGRAM SÓS.<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> O manuscrito será encaminhado para avaliação à Revista Psicologia USP. Normas disponíveis em: <http://www.scielo.br/revistas/pusp/pinstruc.htm>  
Manuscrito poderá ser consultado na versão impressa, disponível na biblioteca da UFSM.

## CONSTRUÇÃO DE SUBJETIVIDADE EM MULHERES MILITARES QUE MIGRAM SÓS

**Resumo:** Este artigo tem como proposta compreender de que forma subjetividades se constroem a partir do processo de migração de mulheres militares no Brasil. O argumento que desenvolvemos é de que esse processo, bastante comum na vida militar, produz e reproduz representações sociais que tensionam os novos espaços a serem ocupados, engendrando certas subjetividades. Sob o referencial da Teoria das Representações Sociais recorremos a produções científicas sobre subjetividade, focalizando a migração de mulheres militares nesse universo. Concluímos que o ato de migrar só, bem como a permanência de mulheres nas instituições militares promovem mudanças significativas não só na vida dessas mulheres, como também na instituição, uma vez que novos processos subjetivos vão sendo produzidos, operados pela dialogicidade.

**Palavras-chave:** Subjetividade, Representações Sociais, Gênero, Migração, Mulheres militares.

## CONSTRUCTION OF SUBJECTIVITY IN MILITARY WOMEN WHO MIGRATE ALONE

**Abstract:** This paper aims to understand how subjectivities are built considering the process of migration by military women in Brazil. The argument underlying this study is that this process, quite common in military life, produces and reproduces social representations that tension the new spaces occupied, engendering particular subjectivities. In light of the framework of the Theory of Social Representations, it involved scientific productions on subjectivity, and focused on the migration of military women in this context. It was concluded that migrating alone and remaining in military institutions promote significant changes not only in the lives of these women, but also in the institution, since new subjective processes are produced, and operated dialogically.

**Keywords:** Subjectivity, Social Representations, Migration, Military women.

## **LA CONSTRUCCIÓN DE LA SUBJETIVIDAD EN LAS MUJERES MILITARES QUE MIGRAN SOLAS**

**Resumen:** La propuesta de este artículo es comprender de qué forma se construyen subjetividades a partir del proceso de migración de mujeres militares en Brasil. El argumento que desarrollamos es el que ese proceso, muy común en la vida militar, produce y reproduce representaciones sociales que tensionan los nuevos espacios que serán ocupados, engendrando ciertas subjetividades. Bajo en el referencial de la Teoría de las Representaciones Sociales hemos recurrido a trabajos científicos sobre subjetividad focalizando la migración de las mujeres militares. Hemos concluído que el acto de migrar, así como la permanencia mujeres en las instituciones militares produce cambios significativos no sólo en la vida de esas mujeres, sino también en la institución, ya que nuevos procesos subjetivos se producen, operado por la dialogicidad.

**Palabras clave:** subjetividad, la representación social, migración, mujeres militares.

## **LA CONSTRUCTION DE LA SUBJECTIVITÉ CHEZ LES FEMMES MILITAIRES QUI MIGRENT SEULS**

**Résumé:** Cet article a pour but de comprendre de quelle manière se contruisent les subjectivités à partir du processus de migration des femmes militaires au Brésil. L'argument que nous allons développer est que ce processus, assez commun dans la vie militaire, produit et reproduit des représentations sociales que tendent à occuper de nouveaux espaces et engendrant certaines subjectivités. A partir de la théorie des représentations sociales nous avons à des production scientifique concernant la subjectivité, en ciblant la migration des femmes militaires dans cet univers. Nous concluons avec le fait que le simple acte de migrer, tout comme la permanence des femmes dans les institutions militaires provoquent des changements significatifs non seulement dans la vie de ces femmes, mais aussi dans l'institution, une fois que les nouveaux processus subjectifs se produisent, exploités par dialogicité.

**Mots-clés:** Subjectivité, représentation sociale, la migration, les femmes militaires.

## Referências:

Arruda, A. (2004). Brasil imaginado: representações sociais de jovens universitários. In Souza, C. P. de. et al., *Angela Arruda e as representações sociais: estudos selecionados* (pp.164-191). Curitiba: Champagnat.

Arruda, A. (2004). O ambiente natural e seus habitantes no imaginário brasileiro: negociando a diferença. In Souza, C. P. de. et al., *Angela Arruda e as representações sociais: estudos selecionados* (pp.262-289). Curitiba: Champagnat.

Assis, G. de O. (2007). Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. *Estudos Feministas*, n.3, v.15, pp. 745-772.

Beauvoir, S. (1980). *O segundo sexo*. Volume 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Bezerra, B., Jr. (2005). A solidão de não pertencer: uma observação a partir de um fragmento de Clarice Lispector. In Póvoa, H., Neto., & Ferreira, AP (Orgs.). *Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios* (pp. 199-209). Rio de Janeiro: Revan.

Biasus, F., Graeff, L., & Carlos, P. P. de. (2015). Mulheres Oficiais e graduadas na Base Aérea de Canoas/RS: Um estudo de memória social. *Revista Gênero & Direito*, v. 4, n. 3, pp. 100-115.

Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora Record.

*Decreto nº 83.079, de 23 de Janeiro de 1979* (1979). Aprova o Regulamento de Movimentação para Oficiais e Praças do Exército. Diário Oficial da União. Brasília, DF: Exército Brasileiro.

de-Graft A. A (2012) Familiarising the unfamiliar: Cognitive polyphasia, emotions and the creation of social representations. *Papers on Social Representations* v.21, pp: 7.1–7.28.

Gonçalves, E. (2009). Nem só nem mal acompanhada: reinterpretando a "solidão" das "solteiras" na contemporaneidade. *Horizontes Antropológicos*, v. 15, n. 32, pp. 189-216.

Gonçalves, E. (2013). Novas solteiras: ecos do feminismo na mídia brasileira. *Cadernos de Pesquisa*, v. 41, n. 142, pp. 162-187.

Gonçalves, E. (2011). “Remar o próprio barco”: a centralidade do trabalho no mundo das mulheres “sós”. *Cadernos Pagu*, n. 34, pp. 235-268.

Guareschi, P. A. (2000). Representações sociais e ideologia (Social Representations and Ideology). *Revista de Ciências Humanas*, n. 2, pp. 33-46.

Guareschi, P. A., & Roso, A. (2014). Teoria das representações sociais-Sua história e seu potencial crítico transformador. In: Chamon, E. M. Q. O.; Guareschi, P. A.;

Campos, P. H. F. C. (Orgs.). *Textos e debates em representação social*. Porto Alegre: EdiPUCRS.

Jeffreys, S. (1997). *The spinster and her enemies: Feminism and sexuality, 1880-1930*. Melbourne: Spinifex Press.

Jodelet, D. (2009). O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais. *Sociedade e estado*, v. 24, n. 3, pp. 679-712.

Jovchelovitch, S., & Bauer, M.W. (2013). Entrevista Narrativa. In Bauer, M.W, & Gastel, G. (Orgs). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som; um manual prático*. Petrópolis: Vozes.

Klein, M. (1971). *O sentimento de solidão*. Rio de Janeiro: Imago.

*Lei nº 6.880, de 09 de dezembro de 1980* (1980): Dispõe sobre o Estatuto dos Militares. Diário Oficial da União. Brasília, DF: Exército Brasileiro.

Lisboa, T. K. (2007). Fluxos migratórios de mulheres para o trabalho reprodutivo: a globalização da assistência. *Estudos Feministas*, n.15, v.3, pp. 805-821.

Magalhães, S. M. C. da., & Andrade, A. L. C. de. (2015). O corpo feminino, frágil, malsão: um estudo do habitus de gênero dos militares combatentes do Exército Brasileiro. *Revista Brasileira de Estudos de Defesa*, v. 2, n. 1, pp. 138-153.

Mansur, L. H. B. (2008). Solitude: virando a solidão pelo avesso. *Ide*, v. 31, n. 46, pp. 38-45.

Marková, I. (2006). *Dialogicidade e representações sociais: as dinâmicas da mente*. Petrópolis: Vozes.

Moscovici, S. (2012). *A psicanálise, sua imagem e seu público*. Petrópolis: Vozes.

Oliveira, P. R. M. (2005). O migrante, seu drama psíquico e a recepção das diferenças. In Póvoa, H., Neto., & Ferreira, AP (Orgs.). *Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios* (pp.163-174). Rio de Janeiro: Revan.

Rey, F. L. G. (2003). *Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

Roso, A. (2007). O cotidiano no campo da saúde—Ética e responsabilidade social. In Veronese, M., & Guareschi, P. A. *Psicologia do cotidiano: representações sociais em ação*. Petrópolis: Vozes.

Sá, R. N. de, Mattar, C. M., & Rodrigues, J. T. (2006). Solidão e relações afetivas na era da técnica. *Rev. Dep. Psicol., UFF*, v. 18, n. 2, pp. 111-124.

Saramago, J. (1998). *O Conto da Ilha Desconhecida*. São Paulo: Companhia das Letras.

Seidmann, S. (2015). Identidad personal y subjetividad social: educación y constitución subjetiva. *Cadernos de Pesquisa*, v. 45, n. 156, pp. 344-357.

Silva, A. L. da, & Dawson, M. T. (2004). The impact of international migration on the health of Brazilian women living in Australia. *Texto & Contexto-Enfermagem*, v. 13, n. 3, pp. 339-350.

Sousa, C. P. de, & Novaes, A. O. de. (2013). A compreensão de subjetividade na obra de Moscovici. *Representações sociais: fronteiras, interfaces e contextos*. Curitiba: Champagnat.

Strey, M. N. et al. (2012). *Psicologia social contemporânea*. Petrópolis: Vozes.

Takahashi, E. (2002). *Homens e mulheres em campo: um estudo sobre a formação da identidade militar*. (Tese de Doutorado). Universidade de Campinas, Campinas, SP, Brasil.

Topa, J., Neves, S., & Nogueira, C. (2013). Imigração e saúde: a (in) acessibilidade das mulheres imigrantes aos cuidados de saúde. *Saúde e Sociedade*, v. 22, pp. 328-241.

Zanella, A. V. (2013). *Perguntar, registrar, escrever: inquietações metodológicas*. Porto Alegre: Sulina.

**MANUSCRITO 2: ENCONTROS E DESPEDIDAS: PRODUÇÃO DE  
SUBJETIVIDADE NA MIGRAÇÃO DE MULHERES MILITARES DA  
AERONÁUTICA.<sup>2</sup>**

---

<sup>2</sup> O manuscrito será encaminhado para avaliação à Revista Estudos Feministas. Normas disponíveis em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/about/submissions#authorGuidelines>  
Manuscrito poderá ser consultado na versão impressa, disponível na biblioteca da UFSM.

## **ENCONTROS E DESPEDIDAS: PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE NA MIGRAÇÃO DE MULHERES MILITARES DA AERONÁUTICA**

**Resumo:** Este estudo, de caráter qualitativo, objetivou conhecer os significados das experiências de migração de mulheres no contexto militar. Utilizando um enfoque psicossocial crítico e recorrendo em especial às teorias de gênero e a teoria das Representações Sociais, buscou-se, especificamente, compreender de que forma essas experiências contribuíram para a construção da subjetividade. Por meio da narrativa de mulheres militares, concluímos que a experiência de tornar-se uma mulher só, em um lugar desconhecido, está carregada de representações e significados que reforçam permanências em uma cultura de subordinação de gênero, em que as mulheres permanecem em lugares de não poder.

**Palavras-chave:** mulheres militares, representações sociais, gênero, subjetividade.

## **COMINGS AND GOINGS: PRODUCTION OF SUBJECTIVITIES IN THE MIGRATION OF MILITARY WOMEN IN THE AIR FORCES**

**Abstract:** This qualitative study aims to identify the meanings attributed to the experience of migration by women in the military context. Using a critical psychosocial approach and particularly gender theories and the theory of social representations, it specifically aims to understand how these experiences contributed to the construction of subjectivities. Through the narration of military women, we concluded that the experience of becoming a woman by herself in an unknown place is full of representations and meanings that reinforce the continuity of a culture of gender subordination, where women remain in powerless positions.

**Keywords:** military women, social representations, gender, subjectivity.

## Referências:

ARRUDA, Angela. “Brasil Imaginado: representações sociais de jovens universitários”. In: SOUZA, Clarilza Prado. de. et al. *Angela Arruda e as representações sociais: estudos selecionados*. Curitiba: Champagnat, 2004, p.164-191.

ARRUDA, Angela. “Teoria das representações sociais e teorias de gênero”. *Cadernos de pesquisa*, v. 117, n. 127, p. 127-147, nov. 2002.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Volume 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BRASIL. *Decreto nº 40.043/1956 de 27 de setembro de 1956*. Aprova o Regulamento Interno dos Serviços da Aeronáutica (RISAER). Rio de Janeiro, 1956.

BRASIL. *Lei nº 6.880/1980 de 09 de dezembro de 1980*. Dispõe sobre o Estatuto dos Militares. Brasília, 1980.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA – FBSP. *Anuário brasileiro de segurança pública*. Ano 10. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2016.

GONÇALVES, Eliane. “Nem só nem mal acompanhada: reinterpretando a ‘solidão’ das ‘solteiras’ na contemporaneidade”. *Horizontes Antropológicos*, v. 15, n. 32, p. 189-216, jul/dez. 2009.

GONÇALVES, Eliane. “Remar o próprio barco: a centralidade do trabalho no mundo das mulheres ‘sós’”. *Cadernos Pagu*, n. 34, p. 235-268, jan/jun. 2010.

JODELET, Denise. O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais. *Sociedade e estado*, v. 24, n. 3, p. 679-712, set/dez. 2009.

JOVCHELOVITCH, Sandra., BAUER, Martin.W. Entrevista Narrativa. In: BAUER, Martin.W GASTEL, George. (Orgs). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som; um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2013, p.90-113.

MAGALHÃES, Suzana Marly da Costa; ANDRADE, Ana Lúcia Conceição de. “O corpo feminino, frágil, malsão: um estudo do habitus de gênero dos militares combatentes do Exército Brasileiro”. *Revista Brasileira de Estudos de Defesa*, v. 2, n. 1, jan/jun. 2015.

NASCIMENTO, Milton; BRANT, Fernando. “Encontros e Despedidas”. *Encontros e Despedidas*. LP. Rio de Janeiro: Barclay/Polygram, 1985.

MIGUEL, Ana de; BOIX, Montserrat. “Os gêneros da rede: os ciberfeminismos”. In: NATANSOHN, Graciela (Org.). *Internet em código feminino*. Buenos Aires: La Crujía, 2013, p. 39-75.

- MUYLAERT, Camila Junqueira et al.. “Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa”. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 48, n. spe2, p. 184-189, 2014.
- OLIVEIRA, Paula Rebello M. “O migrante, seu drama psíquico e a recepção das diferenças”. In: PÓVOA NETO Helion; FERREIRA Ademir Pacelli (Orgs.). *Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios*. Rio de Janeiro: Revan, 2005.p.163-174.
- PETERSEN, Spike V. Feminist Theories Within, Invisible To, and Beyond IR. *University of Arizona*. Volume x, Issue 2. p.1-11. winter/spring, 2004
- RÚA, Amalia Conceiro, et al. Satisfacción de las necesidades básicas en la población inmigrante femenina Marroquí en Anteixo. *Rev Esc Enferm USP*. v.44, n.2, p. 249-256, 2010.
- SANTOS, Marina Miranda Lery; ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. “Mulheres na Força Aérea Brasileira: um estudo sobre as primeiras oficiais aviadoras”. *Estudos em Psicologia*, v. 15, n. 3, p. 259-267, set/dez. 2010.
- SEIDMANN, Susana. “Identidad personal y subjetividad social: educación y constitución subjetiva”. *Cadernos de Pesquisa*, v. 45, n. 156, p. 344-357, abr/jul. 2015.
- SILVA, Cristina Rodrigues da. *Gênero, Hierarquia e Forças Armadas: um estudo etnográfico acerca da presença de mulheres nos quartéis*. São Paulo: UFSCar, 2006.
- SILVA, Cristina Rodrigues da. “Famílias de militares: explorando a casa e a caserna no Exército brasileiro”. *Estudos Feministas*, p. 861-882, set/dez. 2013.
- SILVA, Alcione Leite da; DAWSON, Maria Teresa. “The impact of international migration on the health of Brazilian women living in Australia”. *Texto & Contexto-Enfermagem*, v. 13, n. 3, p. 339-350, jul/set.2004.
- SOUZA, Clarilza Prado; NOVAES, Adelina de Oliveira. “A compreensão de subjetividade na obra de Moscovici”. In: ENS, Romilda Teodora; VILLAS BOAS, Lúcia Pintor Santiso; BEHENS Marilda Aparecida (Orgs.). *Representações Sociais: fronteiras, interfaces e contextos*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2013. p.21-36.
- STREY, Marlene Neves et al. *Psicologia social contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- TAKAHASHI, Emília. *Homens e mulheres em campo: um estudo sobre a formação da identidade militar*. 2002. Tese (Doutorado em Educação) – Ciências Sociais Aplicadas à Educação, UNICAMP, Campinas.
- TOPA, Joana., et al. Imigração e saúde: a (in)acessibilidade das mulheres imigrantes aos cuidados de saúde. *Saúde Soc.São Paulo*, v. 22 n.2, p.328-341, 2013.

TURATO, Egberto Ribeiro. “Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa”. *Revista de Saúde pública*, v. 39, n. 3, p. 507-514, 2005.

ZANELLA, Andrea Vieira. *Perguntar, registrar, escrever: inquietações metodológicas*. Porto Alegre: Sulina, 2013.

## DISCUSSÃO

Os artigos que ora são apresentados nesta dissertação abordam o tema da subjetividade, que é construída a partir do processo de migração de mulheres militares. Apesar de discutirem o mesmo tema, apresentam metodologias e enfoques diferentes.

No primeiro artigo, nos propomos a realizar uma discussão teórica sobre a forma pela qual subjetividades se constroem a partir da migração de mulheres militares. Para realizar este estudo, recorreremos a produções científicas sobre a subjetividade, sobre migração de mulheres e sobre mulheres militares. Na pesquisa que realizamos, notamos que os afetos, a dialogicidade têm grande importância na construção das relações do migrante com outras pessoas, e que, sentir-se pertencente a um grupo é fundamental para a construção de novas referências, como afirma Oliveira (2005). Vimos também que, no caso das mulheres militares, o processo de migração é atravessado também por construções patriarcais de gênero, sobretudo quando tornam-se “sós”. Na instituição militar (e também na sociedade de forma geral!) mulheres que não se casaram e que ocupam sozinhas o espaço público são vistas com estranheza, como se algo estivesse fora de seu “devido lugar”. Migrar só, neste sentido, apresenta-se como um ato de resistência. Por fim, concluímos que a migração de mulheres militares traz mudanças tanto na vida das mulheres, quanto na instituição militar. As representações sociais resultantes dos encontros entre os dois (mulheres e quartel) são entretecidas no espaço que ocupam.

Em nosso segundo estudo tivemos como objetivo conhecer os significados da experiência de migração de mulheres no contexto militar. Para realizar nossa pesquisa, partimos da narrativa de 6 mulheres militares da Aeronáutica sobre seus processos de migração, desde que saíram sozinhas (sem familiares ou parceiros afetivos) de suas casas para integrarem as Forças Armadas até os dias de hoje. Utilizando-nos de um enfoque psicossocial crítico e recorrendo em especial às teorias de gênero e a teoria das Representações Sociais, buscamos compreender de que forma estas experiências contribuíram para a construção de sua subjetividade. Em nossa reflexão sobre o que ouvimos e o que estudamos, pudemos diversas realidades. Uma delas é que as experiências por que passam na condição de sós, militares e migrantes iniciam na entrada na vida militar. A experiência da escola de formação militar, a convivência com pessoas diferentes das do convívio anterior, o contato com uma nova “identidade” (de civis passam a ser militares) trazem sentimentos e sensações que são construtores de

representações sociais, e portanto, outras subjetividades. Tal situação acaba por evocar a saudade de casa, dos amigos. Aprendemos que, dependendo dos encontros que realizam e das formas pelas quais são aceitas (ou não) no espaço que ocupam, na cidade e na instituição, este processo de migração pode ser mais ou menos traumático. A máxima “o melhor lugar do mundo é a boa companhia” funciona para algumas. Para outras, nem tanto. Voltar para “casa” também torna-se algo complexo, pois as pessoas também mudaram, as referências se deslocaram. Há um sentimento intrínseco experimentado pela migrante de “estar cindido” (OLIVEIRA, 2005).

Considerando o que abordamos de mais importante nos artigos, podemos dizer que apesar de apresentarem diferentes metodologias, os dois estudos se completam. Enquanto que no primeiro artigo a TRS é teoricamente apresentada, no segundo, é como se víssemos a teoria sendo vivida pelas protagonistas da história que elas contam, e também que contamos no estudo. Tal fato também acontece com outros assuntos abordados, tais como o sentimento de pertencimento, o fato de migrarem sós e o machismo no quartel. Estes assuntos, tratados mais profundamente no primeiro artigo são também abordados no segundo, aparecendo nas narrativas e nos comentários sobre elas. Deste modo, a divisão desta dissertação em dois estudos não só foi coerente com o objetivo da pesquisa, como também buscou ajudar na melhor compreensão da construção da subjetividade por meio do processo de migração de mulheres.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, chega a hora de encerrarmos este ciclo de grandes emoções chamado MESTRADO, e dar por finalizada a confecção de um de seus principais produtos: esta dissertação! Digo “um de seus principais”, porque, só vivendo a experiência é que se descobre que tornar-se mestre é muito mais do que estar apto a dissertar sobre determinado tema, ou a ministrar aulas. Acredito que tornar-se mestre seja uma experiência subjetiva única, em si. O objetivo desta dissertação muito teve a ver com a experiência de tornar-se mestre, porque a todo momento estivemos comprometidas em falar sobre um “tornar-se”. Tivemos como objetivo compreender de que forma subjetividades são construídas a partir da experiência de migração de mulheres militares. Não por acaso, trouxemos como principal objeto de estudo a construção de subjetividade. Nada mais simples, e ao mesmo tempo complexo, e bonito, que pesquisar como se constroem vidas! Nada mais revigorante que analisar como se dão as construções se sujeitos, emanadas deste ir e vir que é constante e singular. E nada mais necessário que pesquisar sobre mulheres em ambientes em que vivem situações de opressão.

Considero esta dissertação o resultado de um processo intenso de (re) criação, tanto do objeto de estudo, quanto meu próprio. O caminho não foi linear: houve afetos de todas as ordens, houve trocas, houve medo, houve confusão, houve mudanças de rumo. Da entrada no mestrado, passando pela qualificação do projeto até o momento da defesa da dissertação, meu foco de pesquisa teve mudanças bastante significativas, até chegar até aqui. E hoje percebo que esta trajetória não poderia ter sido diferente.

Tomando a pesquisa como uma prática social ética, estética e política, e portanto também comprometida com as visões de mundo do pesquisador (ZANELLA, 2013) iniciamos este estudo trazendo a minha própria experiência de migração. Tornando -me mulher, migrante, militar e pesquisadora, lancei meu olhar para as experiências das mulheres militares da Aeronáutica. Ao contrário do que pensava anteriormente, estar inserido no campo não deformou a pesquisa, não a contaminou; ao contrário, acredito ter sido o meu olhar singular que trouxe achados autênticos sobre aquele grupo, ao mesmo que tempo trouxe sentidos e significados sobre grupos maiores: Mulheres migrantes, mulheres militares, mulheres da Aeronáutica, mulheres.

Escolhi (ou fui escolhida) para basear todo este trabalho a Teoria das Representações Sociais (TRS). Eu já havia tido um contato inicial com a TRS na

graduação. Não imaginaria que após alguns anos, no mestrado, eu a encontraria de novo, dessa vez como tradutora de meus achados de pesquisa, como ferramenta principal para que eu pudesse mostrar ao mundo o meu olhar sobre as coisas. Até aqui, no meu processo de dissertação, busquei apreender um pouco do vasto terreno das Representações Sociais. Aprendi, por exemplo, que a subjetividade é construída pelas trocas sociais que fazemos a todo momento, a partir daquilo representamos socialmente. Compreendi também que as representações sociais são fluidas e se movimentam, em um intenso processo de resignificação e reconstrução de saberes. Acredito que o meu entendimento da TRS também caminha assim, e ainda me encontro bem no início do processo. Mas se o próprio autor da TRS assume: “se a realidade das representações sociais é facilmente aprendida, o conceito não o é” (MOSCOVICI, 2012, p.39), acredito que com o meu pouco conhecimento, devo estar no caminho certo!

Por falar em caminho, ao entrelaçar a TRS com as narrativas sobre o processo de migração das mulheres militares, percebemos que os saberes que constróem nesta experiência as tornam mais autônomas, no sentido de terem que aprender a lidar com os percalços da vida por si só. Entretanto, esta autonomia é relativa, uma vez que a cultura de subordinação de gênero as atravessa significativamente. A prerrogativa de “saber se defender”, atrelada à “identidade militar” quase sempre não é suficiente para que estas mulheres sintam-se totalmente seguras em circular, a qualquer momento pelo espaço público. As representações que ligam as mulheres à maternidade e ao cuidado da casa são fortes o suficiente para legitimar o confinamento ideológico de mulheres ao espaço privado como sendo natural.

Sem exceção, todas as narrativas nos trouxeram a idéia de que tornar-se uma mulher “só” em um espaço público e novo não é algo livre de dificuldades. Ainda que não reconheçam conscientemente em seus relatos a falta de liberdade que experimentam em seu ir e vir no espaço público, quase todas acabam passando por situações de cerceamento de liberdade, ou por que sentiram-se intimidadas, ou porque sentiram medo de realizar algo que, anteriormente à sua experiência era realizado por algum homem (o pai ou namorado, por exemplo). Assim, percebemos que experiência de tornar-se uma mulher só em um lugar desconhecido está carregada de representações e significados que reforçam permanências em uma cultura de subordinação de gênero, em que as mulheres permanecem em lugares de não-poder.

Um dos desafios encontrados durante a realização desta pesquisa relaciona-se com estas permanências. Ainda que a parte burocrática da autorização para a realização das

entrevistas tenha ocorrido sem percalços, senti-me durante a pesquisa e ainda sinto-me insegura e intimidada em publicar alguns escritos. Grande parte do que escrevemos constitui-se em uma análise crítica da inserção de uma cultura machista que é invisibilizada no ambiente do quartel. Fazer parte da estrutura hierárquica do militarismo ao mesmo tempo que traz olhares diferenciados para a questão das mulheres militares, traz também implicações que dizem respeito ao receio de sofrer sanções, dependendo da interpretação dada pelas autoridades militares ao que eu escrevi. Entretanto, aprendi neste mestrado que a escrita é um ato político, e que não há como escrever sem se implicar. Escrever também é um ato de coragem.

Deixamos como sugestão para futuras pesquisas no campo das Representações Sociais, que mais estudos possam ser realizados sobre migrações, de forma geral, pois acreditamos que o ato de migrar seja potencializador de novos saberes, e tem atravessado bastante a vida das pessoas na contemporaneidade. Da mesma forma, sugerimos que outras pesquisas possam abordar não só a questão da migração de mulheres “sós”, como também de mulheres que migram em outras situações: casadas, com filhos, em relações homoafetivas, etc.

Por fim, reconhecemos que o caminho percorrido ajudou a própria pesquisadora, também migrante, a ressignificar seus movimentos e sua trajetória de vida. Percorrê-lo não termina um ciclo, mas (re)inicia outras jornadas. Desejamos que o que aqui escrevemos possa ser base para mais pesquisas e também mais rumos, mais vidas.

## REFERÊNCIAS

JODELET, D. O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais. **Sociedade e estado**, v. 24, n. 3, p. 679-712, 2009.

FERREIRA, A. B. H. **Mini Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. 7. ed. Curitiba: Positivo, 2008.

LISBOA, T. K. Fluxos migratórios de mulheres para o trabalho reprodutivo: a globalização da assistência. **Rev. Estud. Fem.** v.15 n.3, p.805-821, 2007. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2007000300017/1620>. Acesso em 04.Jul.2015.

DUTRA, D. Mulheres, migrantes, trabalhadoras: a segregação no mercado de trabalho. **Rer. Inter. Mob. Hum. Brasília.** n 40, p.177-193, 2013. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1980-85852013000100011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-85852013000100011). Acesso em: 04. Jul.2015.

GONÇALVES, E. Nem só nem mal acompanhada: reinterpretando a "solidão" das "solteiras" na contemporaneidade. **Horizontes Antropológicos**, v. 15, n. 32, p. 189-216, 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832009000200009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832009000200009). Acesso em: 07. Ago.2015

GONÇALVES, E. Remar o próprio barco”: a centralidade do trabalho no mundo das mulheres “sós. **Cadernos Pagu**, n. 34, p. 235-268, 2011. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332010000100010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332010000100010). Acesso em: 10. Ago.2015.

MOSCOVICI, S. **A psicanálise, sua imagem e seu público**. 2.Ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

OLIVEIRA, P. R. M. O migrante, seu drama psíquico e a recepção das diferenças. In: POVOA, N. H, FERREIRA, A. P (Orgs). **Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios**. Rio de Janeiro: Revan, 2005. p. 163-174.

TAKAHASHI, E. **Homens e mulheres em campo: um estudo sobre a formação da identidade militar**. (Tese de Doutorado). Universidade de Campinas, Campinas, SP, Brasil, 2002.

ZANELLA, A. V. **Perguntar, registrar, escrever: inquietações metodológicas**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

## APÊNDICE A – AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL



Universidade Federal de Santa Maria  
 Centro de Ciências Sociais e Humanas  
 Departamento de Psicologia  
 Programa de Pós-Graduação em Psicologia  
**TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL**

Título do projeto de nível superior: **Saberes, afeto e cultura material: experiências e vozes do consumo na era das conexões (GAP/CCSH n.039397)**

CAAE 45518415.5.0000.5346 - CEP/UFSM

Projeto de Dissertação de Mestrado: **Mulheres em movimento: construções de subjetividades a partir da migração de mulheres militares no Brasil.**

Autora: Psicóloga Mestranda **Thaís Ferreira de Araujo**

Pesquisador responsável: Professora Doutora Adriane Roso

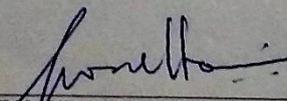
Instituição/Departamento: Departamento de Psicologia/Curso de Psicologia

Telefone para contato: (55) 3220-9231 ou (55) 91433838

Pela presente autorização, declaro que fui informado, de forma clara e detalhada, dos objetivos e da justificativa do Projeto de Pesquisa intitulado: **Mulheres em movimento: construções de subjetividades a partir da migração de mulheres militares no Brasil**, uma ramificação do projeto **Saberes, afeto e cultura material: experiências e vozes do consumo na era das conexões**. Dessa forma, autorizo a realização da pesquisa na **Base Aérea de Santa Maria** bem como, autorizo a utilização dos dados coletados para apresentações em eventos acadêmicos e/ou publicações em artigos e revistas científicas, desde que preservadas as identidades das pessoas envolvidas.

Entendo que o departamento de Psicologia da UFSM manterá sigilo em relação a identidade dos participantes, sendo que os dados coletados serão arquivados na referida instituição, sob responsabilidade da pesquisadora-orientadora do projeto, Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Adriane Rubio Roso, na sala 3210A do Departamento de Psicologia no Centro de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal de Santa Maria, prédio 74B, localizado no campus da UFSM, bairro Camobi - CEP 97015-900 – Santa Maria, RS – Brasil.

Santa Maria, .....de ..... <sup>25</sup> maio .....de 2016.

  
 Sr. CLAUCO FERNANDO VIEIRA ROSSETO  
 Comandante da Base Aérea de Santa Maria

## APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Ciências Sociais e Humanas  
Departamento de Psicologia  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Entrevistas com Adultos)

Título do projeto de nível superior: **Saberes, afeto e cultura material: experiências e vozes do consumo na era das conexões**

CAAE 45518415.5.0000.5346 - CEP/UFSM

Projeto de Dissertação de Mestrado: **Mulheres em movimento: construções de subjetividades a partir da migração de mulheres militares no Brasil.**

Autora: Psicóloga Mestranda **Thaís Ferreira de Araujo**

Pesquisador responsável: Professora Doutora Adriane Roso

Instituição/Departamento: Departamento de Psicologia/Curso de Psicologia

Telefone para contato: (55) 3220-9231 ou (55) 91433838

Prezado(a) participante,

Você está sendo convidado (a) a participar desta pesquisa de forma totalmente voluntária. Porém, antes de concordar e responder a entrevista (conversa) é importante que você compreenda as informações contidas neste documento, pois o(a) pesquisador(a) deverá responder todas as suas dúvidas. Além disso, você tem o direito de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade ou perda de benefícios aos quais tenha direito.

**-Objetivo:** O projeto terá como objetivo principal compreender de que forma as experiências de migração de mulheres militares da Aeronáutica contribuíram para a construção de sua subjetividade.

**-Procedimentos:** sua participação nesta pesquisa consistirá em participar de uma entrevista (conversa), individual, gravada em gravador digital em que o/a pesquisador/a fará algumas perguntas. Caso você não desejar, sua vontade será respeitada. O dia e horário para realização da entrevista será marcado com você conforme a sua disponibilidade. O tempo de duração da entrevista será conforme você desejar. O que você falar será digitado (transcrito) e será guardado por cinco anos, por determinação ética da pesquisa sob a responsabilidade da Profa. Dra. Adriane Roso (coordenadora desta pesquisa) em seu armário exclusivo para pesquisa, chaveado que está no Departamento de Psicologia no Centro de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal de Santa Maria, localizado na Av. Roraima 1000, Prédio 74B, sala 3210A, - Santa Maria, RS - Brasil. Após este período, os dados (transcrições) serão destruídos. Somente o/as pesquisadores/as envolvidos/as nesta pesquisa terão acesso à gravação a qual será destruída logo após a sua digitação (transcrição). Os dados coletados, depois de organizados e analisados, deverão ser divulgados e publicados, ficando a pesquisadora responsável de realizar uma devolução do trabalho final para você.

**- Benefícios:** para você, os benefícios serão indiretos, pois as informações coletadas fornecerão subsídios para a construção do saber em psicologia, bem como para novas pesquisas a serem desenvolvidas sobre essa temática. Suas respostas juntamente com as de outras pessoas que participarem da pesquisa vão ajudar a entender as experiências que envolvem o movimento migratório de mulheres militares solteiras da aeronáutica.

**- Riscos:** você, a princípio, não sofrerá risco, mas poderá sentir cansaço e desconforto pelo tempo que envolve a conversa e por ter de lembrar algumas situações que já vivenciou e que possam ter causado sofrimento. Caso isto venha a acontecer, a pesquisadora poderá concluir a entrevista e responsabilizar-se-á por avaliar a situação e encaminhá-lo a fim de que receba acompanhamento devido. Além disso, você tem o direito de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade ou perda de benefícios aos quais tenha direito.

**- Sigilo:** ao final desta pesquisa, os resultados serão divulgados e publicados na forma de artigos em Revistas da área da Psicologia e Ciências Sociais. Sendo assim, as informações fornecidas por você terão sua privacidade garantida pelos pesquisadores responsáveis. Você não será identificado em nenhum

momento. A sua identificação será através da letra 'P', que é a inicial da palavra participante seguida de um número (P1, P2, P3...).

Este documento foi desenvolvido respeitando a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde e o Código de Ética Profissional do Psicólogo (Resolução CFP nº 010/ 2005), revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP), da Universidade Federal de Santa Maria em 14 /07/2016, com o número do CAAE **45518415.5.0000.5346**

É importante salientar, caso você tiver alguma dúvida sobre a pesquisa ou a ética desta pesquisa, entre em contato com a **pesquisadora Profa. Dra. Adriane Roso, por meio dos telefones (inclusive a cobrar): (55) 91433838**. Ou, ainda, se quiser maiores esclarecimentos poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa/UFSM: **Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFSM Av. Roraima, 1000 – Prédio da Reitoria – 7º andar – Campus Universitário – CEP: 97105-900, Santa Maria, RS. Telefone: (55) 3220-9362. E-mail: [comiteeticapesquisa@mail.ufsm.br](mailto:comiteeticapesquisa@mail.ufsm.br)**.

Eu, \_\_\_\_\_ estou ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, aceito participar desta pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando em posse de uma das pesquisadoras.

Santa Maria, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016.

\_\_\_\_\_  
Assinatura da(o) participante

\_\_\_\_\_  
Nome da Pesquisadora Responsável

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Pesquisadora Responsável